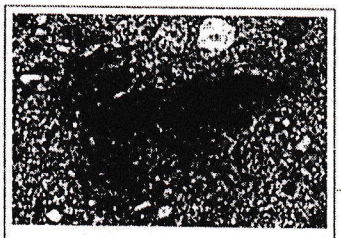
notícias :::

Pesquisador investiga morte de sapos

Mortandade de sapos em Santa Catarina é alta e há suspeitas de envenenamento crônico por pesticidas.



Sapo jovem, encontrado morto em Santa Catarina, com carrapato fixados no dorso

Campinas - Uma grande mortandade de sapos da mesma espécie - Bufo ictericus - vem ocorrendo no norte de Santa Catarina. Há suspeitas de envenenamento crônico por pesticidas. A região é produtora de banana, uma cultura na qual se utilizam agrotóxicos sistêmicos, como o Furadan, aplicados no solo e absorvidos pelas raízes da bananeira. Tais venenos podem estar contaminando as lagoas onde estes sapos se reproduzem. Outros anfíbios, não afetados, são mais seletivos quanto ao local de reprodução, enquanto o B. ictericus utiliza qualquer lagoa, natural ou artificial.

As mortes estão sendo investigadas pelo pesquisador Germano Woehl Júnior, que coordena um projeto de educação ambiental sobre anfíbios em Guaramirim, SC. Woehl Jr é doutor em Física, trabalha na área de lasers e fibras óticas no Centro Técnico Aeroespacial, CTA, em São José dos Campos, SP, e mantém o Santuário Rã-Bugio com recursos próprios e apoio da Fundação O Boticário.

queda de imunidade

"O estranho é que os sapos mortos que analisamos estavam cobertos de carrapatos", comenta o pesquisador. "Normalmente as secreções da pele dos sapos repelem carrapatos, mesmo que eles vivam em pastagens infestadas, o que nos leva a suspeitar de uma queda da sua imunidade, relacionada a algum produto químico". Sapos da mesma espécie, que vivem mais ao norte, a poucos quilômetros da região de cultivo de banana, estão saudáveis e sem carrapatos. "A pele é uma estrutura vital para os anfíbios, através da qual eles respiram e absorvem água. Ela contém substâncias químicas com potente ação antibiótica para impedir a ação de fungos e parasitas, de alguma forma desativada no caso destes sapos", acrescenta Woehl Jr.

A poluição atmosférica e das águas está associada à ameaça de extinção de diversas espécies de anfíbios nos países industrializados. A relação é tão direta, a ponto dos sapos e rãs já serem considerados indicadores ambientais. Isto é, se eles ficam doentes ou morrem em massa indicam poluição, muitas vezes não detectada pelos sistemas comuns de monitoramento. "Se algo de errado está acontecendo com os anfíbios devemos ficar em estado de alerta, porque podemos ser os próximos", avisa o pesquisador paulista.

No caso de Santa Catarina, ainda há o agravante dos sapos aparecerem mortos mesmo em períodos frios, quando a espécie já deveria estar em diapausa, um tipo de hibernação. E todos os sapos analisados tinham menos de 8cm, abaixo, portanto, dos 13cm a 14cm de comprimento que a espécie normalmente atinge. Ou seja, eles morreram antes de chegar à fase adulta e provavelmente antes de se reproduzirem, uma séria ameaça à sua sobrevivência local, no médio prazo.

Liana John

imprimir enviar comentário
índice de notícias

CLASSIFICADOS ESTADÃO
Você e o Estudo

ciência aplicada
em dia
agenda
colunas
ecos da terra
entre aspas
arquivo meio ambiente
rio demene
sinaá
queimadas
índios brasileiros
brazilian indians
pantanal: a brazilian ecological sanctuary